

Homenagem ao professor Gláucio Ary Dillon Soares

Gláucio Ary Dillon Soares faleceu na tarde de 14 de junho. Gláucio foi um dos mais importantes membros da nossa comunidade acadêmica das ciências sociais. Não é possível resumir ou destacar sua produção neste espaço, ele atuou em várias áreas e temas de forma marcante. *Sociedade e Política no Brasil* (1973) é uma referência obrigatória permanente para o entendimento de nosso desenvolvimento político. Dedicou-se ao estudo do comportamento político e eleitoral e dos partidos brasileiros, e sua incursão pelo sistema representativo produziu muitos trabalhos, cabe destacar aqui o livro *Democracia Interrompida* (2001). No período mais recente seguiu para o estudo da violência e da criminalidade, através de muitos artigos e livros, um dos principais, *Não Matarás* (2008), e vários outros em coautoria.

Gláucio é considerado um dos fundadores da sociologia moderna no país, mas é imprescindível destacar seu investimento na construção da ciência política como disciplina, sobretudo na discussão da questão metodológica, debatendo os parâmetros para o aperfeiçoamento da produção científica e a formação de recursos humanos. Ele foi um dos pioneiros da pesquisa eleitoral no Brasil, investigando já o pleito de 1960 no Rio de Janeiro.

Dentre suas muitas atuações em universidades e instituições internacionais e nacionais, Gláucio foi Presidente da Associação Brasileira de Ciência Política entre 2000 e 2004, e Secretário Geral da Associação Latino-Americana de Ciência Política entre 2006 e 2013. Quando presidiu a ABCP, uma de suas iniciativas para o fortalecimento dos estudos em metodologia e aperfeiçoamento da pesquisa em ciência política foi realizar uma parceria com a OPINIÃO PÚBLICA nos anos de 2003 e 2004, o que consolidou a Revista e o interesse pelo campo. Como Secretário da ALACIP, Gláucio trouxe o 3º Congresso da Associação Latino-Americana de Ciência Política para o Brasil, realizado na UNICAMP, e isso colaborou significativamente para a consolidação da área no país. Gláucio Soares foi, certamente, uma das nossas mais importantes referências na construção institucional e na construção do conhecimento das ciências sociais.

Rachel Meneguello
Editora de OPINIÃO PÚBLICA

O professor que celebrava a vida

Gláucio Soares foi um dos maiores nomes das ciências sociais brasileiras. Foi professor por quase 60 anos, passando por várias universidades importantes no mundo: Essex, UCLA, Berkeley, Washington, Florida, Harvard, MIT, UNAM, FLACSO, FGV, UnB, IESP. Orientou centenas de alunos, escreveu centenas de artigos e 11 livros, sendo o primeiro latino-americano a publicar na concorrida *American Political Science Review*.

Gláucio teve também uma participação ímpar na consolidação institucional das ciências políticas brasileira e latino-americana. Foi um dos criadores da ABCP e da ALACIP, tendo sido os seus primeiros presidente e secretário-geral, respectivamente. Lembro-me bem quando ele, orgulhoso e feliz, comentou durante o 6º Encontro da ABCP em Campinas (2008): “Quem diria? Esse negócio deu certo. Temos mais de quinhentas pessoas aqui”.

Gláucio gostava de números. É conhecida a sua luta pela consolidação da metodologia quantitativa nas ciências sociais. Chegava a ser duro com os que se opunham a ela. Em um artigo despretensioso, mas que virou referência, ele devolveu as críticas a quem estava do outro lado: “o desconhecimento dos métodos qualitativos mais rigorosos também é característico daqueles que se definem como ‘qualitativos’ simplesmente por oposição a ‘quantitativos’. No entanto, ‘qualitativos’ eles não são, porque não usam métodos qualitativos. São apenas não-quantitativos ou anti-quantitativos”.

Ao estudar a morte, e conviver com ela de perto, Gláucio estava sempre preocupado com a vida. Não se cansava de alertar que nós, cientistas sociais, “não podíamos dar uma contribuição mais nobre do que a de salvar vidas”. E foi assim que ele fez com a sua própria: resiliente, ao invés de se abater com o câncer que o acompanhou por mais de duas décadas, informou-se a respeito e deu um jeito de transformar isso em benefício das pessoas; criou um *blog*, onde repassava as últimas informações que a sua condição de pesquisador atento lhe proporcionava. Certa vez, durante um almoço em um restaurante em Brasília, ele me disse que alguns médicos ligavam para ele para trocar informações a respeito de pesquisas sobre o câncer.

Gláucio era acima de tudo um professor. Ele ensinava sempre, em qualquer lugar, da sala de aula à mesa de bar. Um professor preocupado com os seus alunos, que ficava feliz em vê-los brilhar, dividindo com os outros a sua alegria. E os alunos não eram apenas os que assistiam às suas aulas. Eram todas as pessoas que se aproximavam dele. Tinha uma solução para cada um. Sabia o que cada um precisava. Na minha defesa de doutorado, Sérgio Abranches alertou: você é privilegiado por ter tido o Gláucio como orientador. Ele, também um ex-orientando, estava certo. Foi um grande privilégio tê-lo tido por perto, não só durante o doutorado, mas como um grande amigo e referência de vida. Gláucio era assim, misturava as coisas, de forma muito tranquila e produtiva. Conseguia ser um pouco de tudo: orientador, amigo, pai, professor, tutor. Deixa um grande exemplo. E muita saudade.

Pedro Neiva

Doutor em ciência política pelo IUPERJ

Pós-doutor em métodos quantitativos e políticas públicas pela University of Texas